



"SALA GEN AYROSA" — Projeto MEMOFEB

Carlos de Souza Scheliga

Palavras proferidas durante a cerimônia de inauguração da "Sala General Ayrosa", no Palácio Duque de Caxias (Rio de Janeiro, RJ), em 9 de dezembro de 1988.

Ao identificar o significado do evento, Carlos de Souza Scheliga ressalta a crise de valores em nossa sociedade, numa apreciação lúcida que merece a atenção do leitor.

O Projeto MEMOFEB teve seu início há cerca de 5 anos atrás.

Seu idealizador e grande impulsionador foi nosso querido e sempre lembrado Coronel Aldilio Sarmiento Xavier, precocemente chamado por Deus, em Jul 85.

Grande admirador da FEB, o Coronel Xavier, antes de assumir a direção da Biblioteca do Exército, teve a honra e a ventura de comandar o 11^o Regimento de Infantaria, em São João Del Rei — uma das glórias de nossa Campanha na Itália.

Este fato fez crescer seu en-

tusiasmo por todos quantos participaram daquela epopéia do nosso Exército, na medida em que pôde penetrar, mais profundamente, no conhecimento dos fatos, das pessoas e de seus feitos.

A partir de então, uma idéia passou a persegui-lo: reunir, em um só local, todo o acervo bibliográfico, fotográfico e iconográfico disponível sobre a FEB, de modo a facilitar seu conhecimento, seu estudo e preservar sua memória.

Quis o destino que, durante sua gestão, dois fatos de grande significação, ligados à Força

Expedicionária, viessem a dar força à sua pretensão: a comemoração, em 1983, do centenário de nascimento de seu inesquecível comandante, o Marechal João Batista Mascarenhas de Moraes e a passagem do 40º aniversário de sua Organização Militar em 1984.

Tais coincidências ensejaram uma feliz conjugação de esforços, que redundou em duas vertentes férteis e produtivas. Uma delas, na publicação dos muitos apreciados, e já clássicos, números especiais da *Revista do Exército Brasileiro*, com depoimentos importantes sobre aqueles eventos – e que teve no também saudoso General Celso de Azevedo Daltro Santos seu grande coordenador; a outra vertente resultou na deflagração da idéia criativa e inspirada do Projeto MEMOFEB que hoje alcança seu clímax.

Coube ao Professor Octávio Sérgio Pereira Coelho e ao fotógrafo Alberto Fadul a grande tarefa de dar início à identificação, levantamento, catalogação e registro de tudo aquilo que dissesse respeito à nossa FEB.

Infelizmente, o Coronel Xavier não teria o privilégio de ver terminado esse trabalho.

Sua morte prematura provocaria um hiato no processo que estava em andamento, o qual somente voltaria a ser retomado,

no ritmo que permitiria sua conclusão, na gestão do atual diretor – o Coronel Sady Nunes que, por acaso, fora seu subdiretor no início do projeto, e conhecera, em detalhes, todas as etapas que haviam sido estabelecidas para sua consecução.

Como se vê, o Projeto MEMOFEB é uma iniciativa marcada por várias coincidências, fenômeno que, no dizer do poeta inglês Samuel Coleridge, significa que Deus esteve presente em seu curso, mas não quis deixar sua assinatura.

Esta é a gênese da "Sala General Ayrosa", nome honrado e respeitado no nosso Exército, e que foi escolhido para identificá-la por sintetizar as qualidades mais marcantes do expedicionário brasileiro: coragem, dignidade, dedicação, disciplina e competência.

Singela na aparência, discreta na localização, esta sala terá como objetivo maior reforçar os traços da memória nacional que já começam a perder nitidez, não só em virtude da ação do tempo, mas, e principalmente, pelo esquecido intencional a que são submetidos pela miopia dos responsáveis pelos destinos da nossa cultura, coadjuvados de perto pela falta de visão e de civismo dos detentores dos principais meios de comunicação em nossa sociedade que, inebriados pela mediocridade

dos índices de preferência, vêm abdicando, dócil e debilmente, de seu poder e de seu dever histórico de manter viva a chama do que temos de mais nobre.

A memória nacional, assim como a individual, é uma função que necessita ser exercitada continuamente para se manter ativa e produtiva.

"Uma cabeça sem memória é como uma praça d'armas sem guarnição" – nos lembra Napoleão.

Evocar o passado é uma necessidade intrínseca ao ser humano. Na verdade, é um procedimento vital para a sobrevivência do indivíduo e da nação.

Ele é uma fonte permanente de ensinamentos, um guia seguro para a conduta dos homens em todos os campos de atividade.

Os povos têm necessidade de heróis representativos, de personalidades ilustres para que sintam sua pátria e dela se orgulhem.

Nós, mercê de Deus, temos-las em abundância em todas as áreas, notadamente na área militar.

O que nos falta é um maior e melhor conhecimento desses vultos, cujas vidas são mananciais inexplorados de exemplos construtivos.

Há uma crise de valores em nossa sociedade.

A ousadia do homem horizontalizando-os, ou seja, retirando-lhes a hierarquia natural, vem provocando confusão e desesperança em nossa gente.

Ao abalo a que já vem sendo submetida a fé religiosa está se seguindo a tentativa de demolição do civismo.

O aceno sedutor e acintoso ao culto do prazer, o delírio com o momentâneo e fugaz estão desfibrando o que a nação tem de mais promissor: sua juventude.

A pretexto da liberdade de informação, de criação e de adaptação, intoxica-se a sociedade com produções que alteram a História, solapam os valores ético-morais, desestruturam a família, entorpecem o caráter nacional.

É constrangedor verificar-se que há até homens públicos que, para se fazerem entender, apelam para personagens fictícios de novelas para exprimir seus pensamentos, ao invés de recorrerem a exemplos concretos e edificantes de nossa História, numa prova incontestada de que se amplia, perigosamente, entre nós o espaço da pobreza cultural e da carência de consciência cívica.

Até o Hino Nacional, um dos símbolos da pátria, solene e marcial em sua essência, vem sendo instrumentalizado pela "aristocracia sindical", na medi-

da em que é utilizado como escudo protetor, em meio a reivindicações exacerbadas, agressivas e insaciáveis.

Não faço alusão a essa realidade que nos circunda, com o amargor rancoroso dos desiludidos. Não! Apenas retrato-a para realçar o quanto há que ser forte em meio a essa tormenta que nos atinge e castiga.

É por isso que é reconfortante saber-se que, a partir de agora, contaremos com este oásis de civismo à nossa disposição, legado por bravos companheiros que pertenceram à FEB e que, contagiados pelo que viram e viveram, propuseram-se a deixar consignado para as futuras gerações belas páginas, concretas e reais, dos exemplos de doação, de abnegação, de compromisso, de grandeza de caráter, de bravura e de um patriotismo leal e desinteressado, escritos por nossa gente nos campos de batalha da Itália.

São depoimentos e passagens de homens verdadeiros, com suas grandezas e fraquezas, sucessos e fracassos e não de personagens de novelas, figuras fictícias, caricatas, criadas para satisfazer a egos frágeis e carentes e a interesses exógenos.

É uma alegria saber-se que o que estava disperso, agora está reunido.

Que o que estava nas som-

bras, agora ganha a claridade.

Que o que estava calado, agora ganha voz. Enfim, que o que era um arquipélago, agora passa a ser um continente, continente generoso, pleno de lições que esperamos venham servir de estímulo ao grande público, aos pesquisadores e, particularmente, à nossa juventude, hoje vítima indefesa de um patrulhamento ideológico seletivo e pertinaz, que os tem impedido de tomar contato com o passado glorioso dos homens de bem do seu país.

Nossos jovens estão órfãos de civismo!

Há homens que, quando morrem, vão por inteiro para a sepultura.

Outros, os maiores, os que souberam viver com grandeza, felizmente não. Deles muita coisa fica a nos servir como pontos de referência.

Dos iluminados não se apaga nunca a luz do espírito que os animou, e seus atos, qual sementeira, vicejam e florescem nos momentos difíceis da nacionalidade. Há apenas que mostrá-los, expô-los à nação, pois sem conhecê-los não é possível admirá-los e tomá-los como exemplos.

O material aqui reunido, escrito pelos bravos da FEB, enquadra-se nesta categoria e soma-se ao do nosso passado mais longínquo.

No seu todo, esse acervo constitui-se em remédio vigoroso e eficaz para os males gerados pela descrença e pela desesperança. É preciso apenas lembrar que existe e que está disponível.

Ainda há tempo para testar essa terapia.

Não é por acaso que nosso Exército tem se mantido imune ao passageiro e à pressa, tem permanecido fiel e persistente no cumprimento do compromisso assumido para com a pátria.

Seu caminhar continua sereno e seguro através do tempo, porque apoiado em um corpo de princípios e de valores consistentes, que balizam a formação e a conduta de seus membros, e em uma missão nobre e permanente, que orienta seu destino.

E, basicamente, em um passado com origens bem definidas e tradições honrosas, sempre lembradas e reverenciadas para que não seja perdida a visão do continuum histórico, que o caracteriza como instituição.

É com justificada satisfação

que proclamamos que, entre essas tradições, há 44 anos já se encontram incorporadas as lições da FEB, anualmente comemoradas no âmbito de nossos quartéis.

Esse procedimento sábio e consciente do nosso Exército, e das Forças Armadas no seu todo, é que, no fundo, lhes confere identidade, identidade que gera confiança, confiança que inspira respeito e credibilidade perante a nação.

É um testemunho eloqüente de que o esforço e o sacrifício que a pátria exige de seus filhos, nos momentos de extrema gravidade, nunca são esquecidos.

Nossa eterna gratidão aos companheiros da FEB pelo muito que nos legaram.

Vida longa e profícua à "Sala General Ayrosa".

Que Deus a preserve e a transforme em fonte permanente de sabedoria, de inspiração e de concórdia para os homens do nosso país.



CARLOS DE SOUZA SCHELIGA – Ten Cel R/1. Asp Of da turma de 8 de maio de 1954, da Arma de Infantaria. Possui os Cursos da AMAN (54), CCP (63), EsAO (64) e ECEME (69). Foi instrutor nas três principais escolas de formação e aperfeiçoamento: AMAN (57/58), EsAO (65/66) e ECEME (74/77). É membro do Conselho Editorial da Bibliex desde abril de 1975.